

O senhor Júlio Dantas traíu M.^{me} X

por Adolfo Casais Monteiro

O senhor Júlio Dantas é um caso característico das nossas letras: passou a ser grande escritor depois de ter produzido uma série de obrinhas, algumas agradáveis, outras engraçadinhas, que lhe poderiam justificar, quando muito, uma reputação de «hom para o gosto de senhoras da nossa melhor sociedade». Tal não succedeu. Ou por os portugueses gostarem de parecer da «boa sociedade», ou por qualquer outra causa, o certo é que o senhor Júlio Dantas viu-se erguido à altura de glória nacional. Ninguém poderia, muito grande fôsse embora a sua boa vontade, demonstrar a justiça de tal consagração. O exímio autor da Ceia dos Cardeais e da Severa é com efeito destes escritores que têm habilidade para enroupar agradavelmente o pensamento mais trivial e as situações mais destituídas de interesse. E' o «cronista elegante», que sabe transportar para artigos de fundo dos jornais (em Portugal é hábito reservar para os artigos de fundo os assuntos que menos podem interessar o público) as conversas galantes e os desabusados comentários que depois duma boa digestão se evolvam dos cérebros confortáveis da «gente bem». Ora um homem assim não pode ter ideias: as leis da boa educação impõem-lhe que se limite a tecer mais uma variação de qualquer sancionado preconceito, de qualquer respeitável, amável e inofensivo tema. E o senhor Júlio Dantas resignou-se a não ter ideias, vendo que por esse caminho ia ter fatalmente às portas da Glória. Diga-se de passagem que o senhor Júlio Dantas não fez mais do que abandonar-se à corrente, entregar-se à doce facilidade de estar de bem com todas as forças da mediocridade. Nos comêços da sua carreira, o senhor Júlio Dantas ainda *pousou* à irreverência; mas depressa soube compreender que o seu caminho era outro—e constatou que dando aos mediocres a ilusão de que pensam e têm ideias, escrevendo para eles coisas insossas, amorfas, tudo num estilo bem limado e sem vida, teria muito mais sucesso—porque escrevia para os mediocres e estes são o maior número.

Seguindo sempre nessa tradição, atingiu o senhor Júlio Dantas aquela passagem da sua vida em que descobriu quão utilíssimo era para a sua produção jornalística *pousar-se* em paladino da respeitabilíssima tradição, nas letras e nas artes. Não se pode negar a coerência dessa atitude: o senhor Júlio Dantas sentiu-se ameaçado na sua integridade ao ver em perigo o edifício tão compostinho da regra, da obediência ao cânone e da crença na infalibilidade de certas receitas «académicas» a que os interessados costumam chamar «clássicas», para despistar... Proveitoso assunto, pois além duma auto defeza, lhe dava azo a realizar uma proveitosa fabricação de artigos de venda certa desta e da outra parte do Oceano. E aí nos surtiu um Júlio Dantas aparentemente mais sério, defendendo a beleza harmoniosa, a civilização latina, os valores clássicos, etc. Pondo—talvez só provisoriamente—de parte as suas reflexões cépticas sobre as mulheres, ei-lo dedicado a escorar o edifício da cultura ocidental. Esse homem não repara contudo que a sua obra é um dos mais claros testemunhos da decadência dessa civilização, dessa cultura de que se arvorou em defensor. Nada mais suspeito, aliás, do que a sinceridade de tantos que nestes últimos anos descobriram em si uma entusiástica vocação de apóstolos duma civilização e duma cultura que declaram em perigo—quando são eles que e sentem em perigo, eles, a comodidade do seu profissionalismo de mantenedores da apatia e do *chomâge* mental dos seus leitores. E note-se

que nenhum—nenhum!—dos bastantes que entre nós são de facto tipos de criadores de verdadeira cultura, nas artes e nas letras, nenhum desses se lembra de se alvoroçar tanto com supostos perigos de morte para a cultura. Só os que trazem a morte em si mesmos sentem o cheiro a cadáver; pudera; se é o deles próprios! E' que esses zeladores de cadáveres, quando falam em cultura, quando falam em civilização, quer lhe acrescentem o qualificativo de latina quer o de ocidental, têm apenas na ideia, não um conjunto de valores vivos, não uma realidade de criações do espírito de vida, mas apenas o núcleo de fórmulas e de receitas que extraíram das criações vivas do passado—as quais, por serem «extraídas» e por o serem das criações do passado, evidentemente que não podem ter para nós senão uma significação histórica. Seria melhor que, em vez de tanto clamar em defeza da cultura, fizessem alguma coisa que realmente fôsse uma contribuição para o seu desenvolvimento.

Pois está compreendida nessa categoria de «apologias dum cadáver», o artigo que o senhor Júlio Dantas publicou em «O Primeiro de Janeiro» de 12 de Agosto. Muitos mais do mesmo género se lhe antecederam, mas todos se equivalem para o fim que tenho em visto, e é mostrar como o senhor Júlio Dantas defende uma cultura para a qual nunca contribuiu senão... provando pelo seu exemplo que ela está de facto moribunda. No artigo em questão as artes plásticas têm o lugar de honra. O ilustre autor de «Ao ouvido de Mme X» está consternado com os precalços da arquitectura da pintura e da escultura nêstes tempos, tal como se lhe mostraram através de documentação sobre a Exposição Internacional de Paris.

Comecemos por notar que, segundo o famigerado académico, se essas artes, tal como no no-las mostra a Exposição, são o «documento da desorientação e da carência estética que caracterizam o nosso tempo», a culpa é «de nós todos, europeus do século XX, criadores desta civilização metálica, mecanizada, delirante e coruscante de demiurgos,—civilização que, sendo prodigiosa, possui entretanto da arte, nas suas mais elevadas manifestações, uma concepção quasi manicomial». Dir-se-ia haver, segundo êle, contradição entre o estado da arte e a civilização, pois se classifica esta de «prodigiosa», não se explica como lhe possa corresponder essa tal «arte manicomial». Mas não o podemos concluir porque lá está a atribuição da culpa a nós todos, criadores da tal civilização prodigiosa. Ou, segundo, o senhor Júlio Dantas, poderá haver uma «civilização prodigiosa» onde não há uma arte superior?! Estranha concepção seria, na verdade, e prefiro pensar que, muito simplesmente, S. Ex.^a não sabia o que estava a escrever.

Mais adiante lemos que a «incapacidade de criar» é «característica, no campo da arte, do homem do século XX». Qualquer leitor deduzirá, suponho, que quando há incapacidade de criar não existe outra solução para os artistas senão... imitar. Contudo não é de imitadores que acusa os artistas de hoje. Na verdade, não os acusa concretamente de nada, pois nada se pode concluir de frases como aquela em que fala do «monstruoso cânone cubista e expressionista» ao qual a pintura está subordinada, e que a mantém «alheia ao verdadeiro sentido da beleza e da dignidade humana». E eu que tinha a ingenuidade de pensar que o expressionismo se caracterizava precisamente por reagir contra o espírito imitativo, pugnando pela não escri-

Continúa na pág. 15)